



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS III
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA
BRUNO PEREIRA DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE UM ALUNO AUTISTA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA:
ESTUDO DE CASO**

JUAZEIRO-BA

2022

BRUNO PEREIRA DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE UM ALUNO AUTISTA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA:
ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas – DCH III, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Profa. Ms. Clara Maria Miranda de Sousa.

JUAZEIRO-BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586d Silva, Bruno Pereira da

Desenvolvimento cognitivo de um aluno autista no processo de aprendizagem da leitura: estudo de caso / Bruno Pereira da Silva. Juazeiro-BA, 2022.
48 fls.: il.

Orientador (a): Profa. Ms. Clara Maria Miranda de Sousa.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Autismo. 2. Desenvolvimento cognitivo. 3. Educação. 4. Leitura. 5. Aprendizagem.
I. Sousa, Clara Maria Miranda de. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 155.25

BRUNO PEREIRA DA SILVA

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE UM ALUNO AUTISTA NO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM DA LEITURA: ESTUDO DE CASO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade do
Estado da Bahia – UNEB/DCH III como requisito parcial para a obtenção do
título de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 20/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Clara maria miranda de souza

Profª Ma. Clara Maria Miranda de Sousa
(Orientadora)

Gilvânia Patricia do N. Paixão

Profª Drª Gilvânia Patricia do N. Paixão
(Membro)

Antonilde Santos Almeida

Profª Me. Antonilde Santos Almeida
(Membro)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força de sempre, pela sabedoria, pela calma em momentos de tormento e pela crença.

Aos meus avós, João Bosco e Valdelice que me criaram, me deram tudo de bom desde que nasci e sempre acreditaram em mim e no meu sucesso.

A Profa. Ms. Clara Maria Miranda de Sousa pela excelente orientação, pelo cuidado no desempenho desse trabalho, por ter aceitado ser minha orientadora.

A minha Namorada Nívea Custódio, pelo apoio e acolhimento do início ao fim desse processo, me acalmando dos momentos difíceis e clareando meus olhos.

Aos meus entrevistados que se disponibilizaram a prestar seus depoimentos que serviram de base para construção e realização dessa pesquisa.

Aos meus colegas de turmas, em especial José Adriano que sempre esteve me dando bons incentivos e conselhos.

Aos meus professores do DCHIII - UNEB, por toda base de conhecimento que foi repassado durante todo o curso.

Ao colégio que abriu suas portas para que a pesquisa fosse realizada, todas as informações que foram repassadas com sucesso.

A todos aqueles que de forma direta e indireta fizeram parte da construção dessa pesquisa.

"É ótimo celebrar o sucesso, mas mais importante ainda é assimilar as lições trazidas pelos erros que cometemos".

Bill Gates

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido amplamente discutido sobre as formas de diagnóstico e características que apontam para como a pessoa com autismo pode desenvolver. O autismo é uma condição que afeta algumas camadas do cérebro como cerebelo e a amígdala e compromete funções como raciocínio, atenção, planejamento, importantes para o desenvolvimento, o que condiciona efeitos duradouros durante o amadurecimento da região cognitiva no ambiente escolar e social. Desta forma, objetivou-se analisar o desenvolvimento de habilidades cognitivas no processo de aquisição da leitura de um aluno autista do ensino fundamental no contexto escolar. Este estudo se constitui de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. A realização deste trabalho foi feito através de levantamento bibliográfico e estudo de campo para coleta de dados. Tendo como participantes: a mãe, a professora, a psicopedagoga e o atendente terapêutico. Como instrumentos de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada com cinco perguntas e relatórios semestral escrito pelo próprio pesquisador, sendo o atendente terapêutico, sobre o desenvolvimento do aluno com autismo. Sendo assim, esse trabalho analisou o processo de desenvolvimento cognitivo do aluno com TEA dentro da escola, mudanças de hábitos, rotina, novos comportamentos em situação de sala de aula e a leitura. Ao final deste trabalho esperou-se que o material de pesquisa ajude os profissionais da área em questão, pais e afins, a identificarem maneiras adequadas, a partir do relato de experiência, de como realizar um trabalho eficaz para o desenvolvimento cognitivo da leitura de crianças autista no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Desenvolvimento cognitivo. Leitura. Educação.

ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) has been widely discussed about the forms of diagnosis and characteristics that point to how a person with autism can develop. The same affects some layers of the brain such as the cerebellum and the amygdala and compromises functions such as reasoning, attention, planning, important for development, which conditions lasting effects during the maturation of the cognitive region in the school and social environment. Thus, the objective was to analyze the development of cognitive skills in the process of learning to read in an autistic elementary school student in the school context. This study consists of a qualitative research, of the case study type. The realization of this work was done through a bibliographic research and field study for data collection. As instruments for data collection, a questionnaire with five questions and half-yearly reports written by the researcher on the development of students with autism were used. Therefore, this work expected to analyze the advances and setbacks in the reading and writing process within the school, changes in habits, routine, new behaviors in the classroom, in elementary school, of a student with autism. At the end of this work, it is expected that the research material will help professionals in the area in question, parents and the like, to identify appropriate ways, from the experience report, of how to carry out an effective work for the cognitive development of reading and writing of autistic children in the school environment.

KEYWORDS: Autism. Cognitive development. Education. Fourth term.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TEA	TRANSTORNO DO ASPECTO AUTISTA
DSM	MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICA DE TRANSTORNOS MENTAIS
CDC	CENTROS DE PREVENÇÃO E CUIDADO DE DOENÇAS
LBI	LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
CID	CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
SUS	SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
APAE	ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	História do autismo	15
2.2	Autismo no Brasil	18
2.3	O Desenvolvimento Cognitivo no Autismo e os processos psicológicos para a leitura	20
3	METODOLOGIA	26
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
4.1	O TEA e a aquisição da leitura	30
4.2	O TEA e as práticas desenvolvidas de leitura	32
4.3	O TEA e o desenvolvimento cognitivo relacionado a leitura	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Por longos anos acreditava-se que o autismo fosse um sintoma derivado da esquizofrenia e somente em 1943, pela primeira vez, o autismo foi descrito como uma condição individual, pelo médico e pioneiro da psiquiatria infantil, Leo Kanner. Assim sendo, a palavra que se refere ao significado de autismo, é de origem grega (autos), e faz referencia “a si mesmo”, ou seja, de si, indivíduo único. Nas décadas de 70 e 80 diversos pesquisadores em nível internacional, bem como no Brasil, passaram a estudar o Autismo ampliando seu conceito e classificações (BENUTE, 2020).

O estudioso Kanner apresentou em seu artigo “Distúrbio autístico do contato afetivo”, o resultado do estudo com algumas crianças que possuíam em comum um conjunto de sintomas relacionados ao autismo: alguns déficits como o de relacionamento social e comportamentos estereotipados. Somente então o autismo passou a ser visto através de dois aspectos voltados ao olhar e a avaliação do comportamento que varia de um indivíduo para o outro (GRANDIN, 2015). O autismo é conceituado como “espectro” por Lorna Wing a partir de um estudo feito com Judith Gould em 1979, a qual pretendiam descrever o autismo como um transtorno caracterizado por déficits cognitivos. Wing foi uma das primeiras profissionais a considerar o autismo como uma condição do neurodesenvolvimento, levando a crer também que o espectro autista é muito diferente em cada indivíduo e depende de inúmeros fatores, como a idade, o nível intelectual da pessoa que padece dele e a gravidade de seu quadro (COLL et al, 2007).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido amplamente discutido sobre as formas de diagnóstico e características que apontam para como pessoa com autismo pode se desenvolver. O autismo é uma condição que afeta algumas camadas do cérebro como cerebelo e a amígdala e compromete funções como raciocínio, atenção, planejamento, importantes para o desenvolvimento e que condiciona efeitos duradouros durante o amadurecimento da região cognitiva no ambiente escolar e social (CUNHA, 2020). Para se chegar ao diagnóstico de autismo é necessário considerar as características que incluem a ausência de certas capacidades cognitivas tais como: 1) reciprocidade socioemocional, 2)

comportamentos comunicativos não verbais, 3) interação social (BRAGA, 2019). Importante deixar claro que esses fenômenos dão ênfase a caracterização do autismo.

Os sintomas costumam ser percebidos durante o segundo ano de vida (12 a 24 meses), mas também podem ser identificados antes ou depois desse período, caso os atrasos do desenvolvimento sejam graves ou quase que imperceptíveis (APA, 2014). As crianças com TEA tem atraso na comunicação social, apresentando dificuldade de verbalização ou de linguagem receptiva, dificuldade de interagir com as de barulhos muito altos, e também tem alguns interesses restritos e estereotipados (GAIATO; TEIXEIRA, 2018).

Em anos recentes, as frequências relatadas de transtorno do espectro autista, nos Estados Unidos e em outros países, alcançaram 1% da população, com estimativas similares em amostras de crianças e adultos (APA, 2014). E a estimativa é de que a cada 59 crianças, uma nasce com (TEA), segundo a CDC (Centros de Controle e Prevenção de Doenças).

No Brasil, foi instaurada a Lei nº 13.146/2015, instituída como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), tendo como finalidade promover a inclusão de pessoas com deficiência no seio social. Mas isso só acontece se eles puderem exercer todos os seus direitos por meio do exercício dos direitos e liberdades fundamentais (BRASIL, 2015). A inclusão proporciona a participação social das pessoas com deficiência, partindo do pressuposto de que a sociedade precisa dispor de condições capazes de garantir a todos os indivíduos a plena possibilidade de serem cidadãos ativos. Desse modo, o ambiente escolar é um dos espaços que mais vivencia essa proposta de inclusão.

A questão do Autismo é muito peculiar, pois são crianças que possuem características específicas, que se enquadram em padrões de comportamento repetitivos e prejuízos na comunicação e interação social. O papel dos pais é imprescindível no diagnóstico e tratamento da sintomatologia do Autismo relacionado a pessoa com TEA em comum com a escola e profissionais da saúde (neuropediatras, psiquiatras e psicólogos). Dessa forma, objetivou-se neste trabalho de conclusão de curso analisar o desenvolvimento de habilidades cognitivas no processo de aprendizagem da leitura de um aluno autista do ensino fundamental. Como objetivos específicos buscamos identificar as práticas que são desenvolvidas no processo de inclusão ao que tange a aprendizagem da leitura; verificar as

habilidades cognitivas de leitura do aluno a partir de atividades desenvolvidas em sala de aula.

A partir disso, a pergunta norteadora desse estudo fora: como tem sido, no contexto escolar, o desenvolvimento de habilidades cognitivas de um aluno autista em seu processo de aprendizagem de leitura?

Nesse estudo, um dos critérios de exclusão dos participantes testados foi a deficiência em função dos comprometimentos cognitivos e comportamentais. Comparando o desempenho através do SON-R 6-40 subtestes e QI total do grupo com TEA, apresentando desempenho inferior ao controle. Através disso, os testes realizados por esses pesquisadores apontaram que não se pode afirmar se indivíduos testados podem ou não utilizar métodos associados à linguagem para acessar a resposta aos objetos. Abrindo brechas para uma pesquisa futura aprofundada em "investigar se aspectos linguísticos nos TEA são preditores de desempenho cognitivo em provas de raciocínio e execução com instruções e respostas não-verbais" (MECCA, et al., 2020, p. 7).

Em estudos realizados por pesquisadores da área, “verificou-se nos resultados que o desempenho de habilidades cognitivas e adaptativas mudou significativamente no decorrer de doze meses e que habilidades cognitivas específicas promoveram inserção social de crianças com TEA” (MARTELETO; CHIARI; PERISSINOTO, 2020, p. 118). Nessa pesquisa observou-se que o conhecimento linguístico das crianças evoluiu de acordo com o parâmetro de idade. E que para resolver um problema, a criança usou da sua capacidade estratégica ou planejamento. “A análise das habilidades cognitivas promotoras de inserção social em crianças com TEA sugeriram que o desempenho em tarefas cognitivas decorreu não somente de diferenças de componentes de habilidade, mas também de adaptações estratégicas no processamento De informação durante a situação” (MARTELETO; CHIARI; PERISSINOT, 2020, p. 120).

O desempenho cognitivo depende de fatores como o desenvolvimento de várias funções e do pleno funcionamento destas, como a linguagem, da coordenação motora e do suporte afetivo-emocional fatores que são responsáveis pelo avanço de habilidades cognitivas. “Entende-se que as habilidades de autoconsciência em crianças com autismo se desenvolvem de forma embrionária e por meios distintos” (SANTANA; SILVA, 2019, p. 4).

Nota-se que, em qualquer ambiente, a atividade tem que ser centrada nas

necessidades específicas da pessoa, do jeito a promover situações que facilitem o ganho de habilidades necessárias para o desenvolvimento cognitivo e a integração social. Nesse sentido, é de suma importância o entendimento das particularidades dos fatores cognitivos dos indivíduos em questão. Diante disso, SANTANA E SILVA (2019) “sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas a fim de esclarecer algumas questões não discutidas neste artigo, a exemplo das alterações em outros processos cognitivo também relevantes na compreensão do transtorno” (SANTANA; SILVA, 2019, p. 8).

Esta pesquisa acerca das habilidades cognitivas da pessoa com autismo nasce do trabalho com um autista e dos estudos e pesquisas feitos na área. Desde cedo, essa tem sido minha afinidade pela Educação Especial, e cresce quando conheço um autista. Começando a fazer parte da minha rotina de trabalho e estudos, se mostrando cada vez mais protagonista do processo. Foi quando se tornou mais claro o meu foco de estudo e desde então esse tem sido o campo de estudos que a minha formação tem contemplado na Pedagogia. Não só será imprescindível para minha formação, como também o estudo se mostra essencial como apoio pedagógico e no trabalho em sala de aula com alunos com (TEA). Contribuindo para melhor compreensão sobre as nuances do transtorno e as habilidades cognitivas do aluno em questão. Esclarecendo as ideias sobre o espectro autista e as formas de intervenções, comportamentos e estímulos que favoreçam o desenvolvimento cognitivo a partir da leitura, independente de fatores como a idade e a especificidade do indivíduo no ambiente escolar.

As singularidades cognitivas são pontes de apoio que colocam o espectro em uma balança entre o avanço e o retrocesso. Nesse sentido, o estudo vai contribuir com informações importantes para o entendimento do caso em análise, bem como vai abrir um leque de oportunidades para pesquisas futuras na área científica e na inclusão social a partir da observação do contexto cognitivo em apresentado. Bem como para inclusão da pessoa com espectro autista no ambiente social, escolar e familiar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 História do autismo

O começo das discussões sobre Autismo se referem ao século XVI no qual Johannes Mathesius (1504-1565), um cronista do alemão e religioso Martinho Lutero, relata em uma história que fala sobre um menino de aproximadamente 12 anos que apresentava um determinado quadro de autismo grave. Dentro do que foi apontado pelo Lutero, erroneamente supôs que este menino não fosse nada, mas simplesmente uma carne acoplada a um espírito com nenhuma alma, possuída por espíritos malignos, com relação ao que se dava como sugestão, em que ele devesse padecer sobre o sufocamento (CHRISTIAN, 1957).

Os primeiros registros históricos sobre o autismo se deram na década de 1940, momento em que os psiquiatras austríacos, Leo Kanner e Hans Asperger, o primeiro do Estados Unidos e o segundo da Áustria, ambos, apresentaram, em um determinado momento da segunda Guerra Mundial, os critérios para o diagnóstico da síndrome autista. Estudos estes os quais os autores da época julgaram com o nome da patologia do autismo (QUEIROZ, 2018).

Leo Kanner (1894-1981) foi o pioneiro na abordagem do assunto relacionado ao autismo e realizou as primeiras investigações sobre o objeto em questão (KANNER, 1943). A segunda contribuição foi de Hans Asperger (1906-1980), que publicou em 1944, em Viena, *Die Autistische Psychopathen em Kinder-salter* (ASPERGER, 1944). Nessa publicação Asperger usou o termo autismo semelhante assim como Kanner fez, embora um não conhecia o estudo do outro. A pesquisa realizada por Asperger evidenciou dois aspectos importantes, em um deles é percebido uma extrema precisão e rigor de suas publicações e o outro empatia cuidadosa com crianças diagnosticadas com “psicopatía autista”. Kanner e Asperger questionaram sobre uma potencial semelhança entre as duas síndromes, concordaram em dizer que eles eram entidades nostálgicas totalmente diferentes, apesar da referência comum à psicopatologia autista. As contribuições dadas por Kanner, embora não tenham sido projetadas para tanto, foram parar nos territórios das teorias psicanalíticas e behavioristas. Com isso, a psicanálise nesse tempo foi à tendência majoritária em psiquiatria e difundiu-se com grande destaque em todo o período. Daí em diante novos paradigmas foram surgindo a partir do assunto em questão, se tornando alvo de especulações (QUEIROZ, 2018).

Na década de 1940, a psiquiatria trouxe a infância como parte importante da fase de investigação do autismo, pesquisadores como Léo Kanner, psiquiatra da infância nos Estados Unidos. Ele se destacou através do seu método próprio que não era comum nesse período histórico. Seu método consistia na estratégia de análise de caso através da anamnese, que nada mais é do que a conservação da história de vida do paciente contando com registros de observação apurados com o objetivo do diagnóstico e tratamento médico do autismo (EVENCIO; FERNANDES, 2019).

O psicólogo Kanner chegou a mencionar em suas palavras que o autismo era algo de nascença das crianças, dado a verdade que os primeiros sintomas e sinais era muito precoce. Até que o seu contato com os pais dessas crianças - sujeitas dos estudos, sua visão foi se ajustando. Então, o mesmo começou a perceber que os pais das crianças em estudo apresentavam um contato afetivo muito frio com elas, desenvolvendo então o termo “mãe geladeira” para referirem-se as mães de autistas, que com seu jeito frio e distante de se relacionar com os filhos promoveu neles uma hostilidade inconsciente a qual seria direcionada para situações de demanda social (KANNER, 1943).

Foi nos campos de concentrações nazista que Bettelheim afirmou que a causa principal do Autismo é devido ao tratamento frio que a criança recebe de seus familiares, principalmente a figura materna, denominando “Mãe-Geladeira” devido a hostilidade recebida durante o período de cárcere, que levou ao isolamento e a uma negação do mundo exterior. Tornando assim um paralelismo com os sintomas de autismo, cujas ideias aparecem no livro *A Fortaleza Vazia: Autismo Infantil e o Nascimento do Ser*. Nesta lógica, ainda que Kanner incessantemente tenha defendido as particularidades do autismo, adotando relativamente, por um dado período de tempo, para a teoria da “mãe-geladeira”, sob o pressuposto de que isso tem potencial de ser um fator que motivou substancialmente o autismo (KANNER, 1949).

Os estudos sobre Autismo feitos de todos os pesquisadores levaram a propor um pensamento clássico que se diversificou muito dos primeiros estudos e nos dias é denominado pelo termo Transtorno do Espectro Autismo (TEA). Na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-5) se encaixam como um subgrupo dentro de transtornos invasivos do desenvolvimento dado o comprometimento cognitivo e de linguagem (APA, 2014). As duas síndromes, ou

seja, Kanner e Asperger, se encaixam na mesma categoria diagnóstica tanto na CID-10 que significa classificação internacional de doenças (OMS, 1996) como no DSM-IV (APA, 2003).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que a cada 160 crianças no mundo, 1 é autista. Diz ainda que o (TEA) tem seu princípio na infância, permanecendo ao longo dos anos. A Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que, de acordo com diversas pesquisas científicas, há fatores que propiciam o desenvolvimento do autismo nas crianças, questões genéticas e ambientais são exemplos. Acreditava-se que as vacinas contra sarampo, caxumba ou rubéola era precursor do Autismo, entretanto, por falta de provas, a OMS descarta qualquer conexão entre o (TEA) e as vacinas para outras questões de saúde (JÚNIOR, 2017). Estudos realizados atualmente constata uma maior probabilidade de desenvolvimento do (TEA) em crianças em que seus familiares apresentem o autismo também, fato esse que gerou curiosidades nos mecanismos etiológicos deste transtorno. Ozonoff (2011) demonstra que em cerca de 20% dos casos, há uma reincidência do aparecimento do transtorno em irmãos de crianças autistas

Os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) estão dentro dos transtornos de desenvolvimento que tem como caracterização, ser definida como uma síndrome ampla de incapacidades de comunicação e na interação social, com uma prevalência aproximada a 1,5% das pessoas, nos países desenvolvidos. Um dado bem importante é que o aumento da prevalência dos TEA tem relação com alguma controvérsia, estando esta subida ligada de antemão as alterações na classificação e definição da síndrome e dos critérios de diagnóstico (CRITTENDEN, 2017).

Com a atualização do Diagnostic Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) da 4ª para a 5ª edição mostra a presença de grande incerteza dentro da perspectiva da revisão dos dados epidemiológicos. Tendo em vista que maior parte da bibliografia está ligada a alguns dos casos diagnosticados consoante a DSM-4 e que as semelhanças entre os estudos com base na DSM-4 e na DSM-5 podem traduzir e levar a finalizações enviesadas. Por outro lado, com a atualização para a DSM-5, foi classificada uma nova definição com referência ao autismo, sendo elaborada assim uma Categoria de “Espectro de Autismo”, englobando outros aspectos como transtorno de Asperger, transtorno invasivo do desenvolvimento e transtorno desintegrativo da infância (APA, 2014).

Os Transtornos do Espectro do Autismo são atualmente considerados como

uma doença multifatorial, estando associados a causas genéticas e não genéticas. Existe grande evidência da importância de componente genético no TEA, considerando-se que o maior risco está associado à existência de familiares que sofram deste transtorno. A estimativa é que na atualidade a prevalência mundial dos Transtornos do Espectro do Autismo se mostre entre 1% a 3%. Em escala global, pesquisas com relação à prevalência apresentam valores variados desta, avistando por base de algumas das diferenças, formas distintas de diagnóstico disponíveis, as diferentes condições vistas nas redes de saúde e o acesso a estas, como a escola e a comercialização e exposições ambientais (ISAÍAS, 2019).

Considerado como uma síndrome que retém funções importantes para o desenvolvimento da pessoa, o TEA ocupa cada vez mais, os espaços em escala nacional e global. Com isso, as formas de diagnóstico, intervenção e tratamento tendem a caminhar juntas, seja ela em casa ou escola. Na tentativa de diminuir a regressão da pessoa com autismo, a observação e o diagnóstico antecipado pela família contribuem para diminuir as consequências e facilitar a inclusão nos processos fundamentais da vida. Como mostram as pesquisas, que apesar das causas e os índices, apontam que o quanto antes ter o diagnóstico, melhor o tratamento no desenvolvimento adequado na escola, família e sociedade de maneira adquirir condições necessárias para se viver e aprender e evoluir plenamente.

2.2 Autismo no Brasil

Em dezembro de 2012, a Lei Federal 12.764 instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, conhecida como Lei Berenice Piana, que inclui os autistas como pessoas com deficiência. Assim sendo, tal lei resguarda que os autistas disponham do direito a todas as políticas de inclusão e processos de cidadania do país, entre elas o acesso a escola, a alfabetização, processos que fazem parte da formação social da pessoa e que devem ser resguardados. De acordo com a Lei Berenice Piana, que tem esse nome em homenagem à militante e ativista brasileira Berenice Piana, coautora da lei, mãe de três filhos, sendo o mais novo autista. A lei de nº 12.764/2012, prevê que os espaços educacionais tem como dever fornecer ao autista um acompanhante especializado, desde que seja comprovada a precisão por um médico neurologista ou psiquiatra responsável pelo caso (BRASIL, 2015).

No Art. 2º do Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 diz que:

A educação especial tem como dever oferecer os serviços de apoio especializado que objetiva acabar com as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Colocando alunos autistas em escolas cada vez mais preparadas e para o desenvolvimento dessas pessoas como garante o § 1º Para fins deste Decreto, os serviços de que trata o caput serão denominados atendimento educacional especializado, compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas: I – complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais; ou II – suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2015).

Em território brasileiro, grande parcela dos atendimentos para pessoas com TEA vigora no Sistema Único de Saúde (SUS). O Atendimento de pessoas com TEA acontece primordialmente nos Níveis da Atenção Básica e do tratamento especializado. No que se referem à Assistência Especializada as pessoas com autismo, destacam-se alguns centros de Atenção Psicossocial que tem serviços abertos e comunitários que objetivam prestarem auxílio no atendimento em regime de atenção diária, assim como a oferta de cuidados no sentido clínico eficiente e personalizado, oferecendo a inserção social do usuário, além de dar suporte e supervisionar a atenção à saúde mental na rede básica. Para o atendimento de crianças e adolescentes foram criados os Centros de Cuidado Psicossocial Infanto-juvenil. Este lugar voltado à saúde tem como meta um atendimento bem dimensionado composto por equipes multiprofissionais, para atuar no território e respeitar a necessidade/demanda de cada caso (STEFFEN, 2019).

Sobre as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – MEC é possível observar o seguinte decreto nº 7.611;

Art. 1º O dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes: I – garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades; II – aprendizado ao longo de toda a vida; III – não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência; IV – garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais; oferta que para pessoas com necessidades específicas, deve vigorar com práticas educacionais e estrutura que pense as especificidades de cada aluno e sua realidade (BRASIL, 2015).

No Brasil, políticas governamentais que são ofertadas as pessoas com diagnóstico de autismo começaram a aparecer de maneira tardia. Até o surgimento

de uma política pública para o TEA infantil, no início do século XXI, estas pessoas encontrava atendimento apenas em instituições filantrópicas, como a Associação Pestalozzi e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) (STEFFEN, 2019). O enfrentamento tardio do problema fez com que a construção atual da política pública brasileira para o autismo fosse marcada por dois grupos distintos que, historicamente, desenvolveram suas ações de maneira simultânea, mas em paralelo: de um lado, o grupo composto, em sua maior parte, por trabalhadores e gestores do campo da Atenção Psicossocial, além de partidários da Reforma Psiquiátrica, integrantes das ações diretamente ligadas à política pública de saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS) (OLIVEIRA, 2017).

Vários estudos realizados por toda a Europa relatam diferentes prevalências, países como a Itália, Espanha, França, Alemanha e Polónia apresentam prevalências de TEA estimadas entre 0,32% e 1,15%, assentando a maioria destes estudos em análise de registos de saúde e a aplicação de questionários tanto a pais e professores como a crianças afetadas (ISAÍAS, 2019).

No Brasil, as políticas públicas direcionadas as pessoas com deficiência, facilitam cada vez mais a inserção das pessoas autistas na sociedade. Porém, avanços maiores ainda se fazem necessários ao alto índice de casos sem diagnóstico no país e nas escolas. No mundo, especialmente em território brasileiro, a criança que tem o TEA como companheira, quando chega ao processo de alfabetização mostra como características a falta de coordenação motora, força muscular, planejamento motor, habilidades de linguagem, organização e interrogações sensoriais o que dificulta a sua inclusão dentro e fora dos espaços escolares. No entanto, são condições que tratadas em serviços de saúde, com atendimento necessário se reduz e amplia as chances de desenvolvimento.

2.3 O Desenvolvimento Cognitivo no Autismo e os processos psicológicos para a leitura

Nas primeiras décadas do século XX, o campo da ciência denominado de Psicologia já estava reconhecida cientificamente e em crescente processo de institucionalização na América do Norte e muitos países europeus. Foram publicados importantes estudos sobre o desenvolvimento das capacidades durante a infância e gozava de grande prestígio a pesquisa experimental sobre a aprendizagem animal e a humana (COLL et al, 2007, p. 94). No entanto, tem

crianças reais que desenvolvem formas de comunicação com o exterior que são vistas como completamente ininteligíveis. Essas, são pessoas que não brincam com outras crianças de maneira mais evidente, tem pouco contato e evitam se relacionarem com os indivíduos a sua volta, apontando para uma inabilidade na comunicação e na forma de expressar as suas emoções, pouco ou quase nada se aventuram na descoberta do mundo que os cerca, dando preferência a isolar-se. Nesse sentido, pode-se estar diante de um caso de autismo infantil (SOUZA, 2021).

No aspecto de desenvolvimento cognitivo, pode-se considerar que a memória, atenção, percepção e linguagem são funções psicológicas necessárias relevantes para compreensão e processamento da linguagem e conseqüentemente da leitura. Segundo pesquisa realizada sobre as potencialidades da memória, Souza e Salgado (2015) apontam que pode-se perceber tipos diferentes de memória, sendo definidos pelo jeito como são adquiridas: memória explícita e implícita ou, pelo tempo que estão armazenadas, memória de trabalho, memória de curta e de longa duração. Assim como, se classificam as memórias explícitas ou declarativas que são memórias que guardam fatos e sua aquisição está conectada à intervenção da consciência. As memórias implícitas ou não declarativas estão definidas como as que se adquirem de forma inconsciente. Como atividades ou habilidades, um exemplo disso, temos, aprender a dirigir ou andar de bicicleta. As memórias de curta duração são as que permanecem em nosso cérebro por um espaço curto, cerca alguns segundos, e podem ceder lugar a memórias de média duração ou serem esquecidas. A memória de trabalho é responsável por fomentar a continuidade aos nossos desejos cotidianos, gasta por milésimos segundos a informação, permitindo que alerte sobre onde estamos e o que fazemos a cada instante e nos momentos anteriores. As memórias de longo prazo parte de um processo que armazenadas por horas, anos ou mesmo, por toda a vida, não são esquecidas (SOUZA; SALGADO, 2015).

Dentro dessa perspectiva, o estudo dos métodos psicológicos, no geral, no que se destina a um modelo histórico-cultural, teve a necessidade do desenvolvimento de uma metodologia resistente com seus princípios teóricos. Para Vygotsky (1978), esse modelo distingue dos habituais usados para as teorias associacionistas, o qual se assegura num esquema unidirecional, “estímulo-resposta”. Sendo assim, a chave da compreensão da conduta estava nas relações dialéticas que esta mantém com seu meio. Desta forma, se compreende que a

natureza não influencia na conduta humana sozinha, o ser humano tem sua parcela, ao modificar e criar seus próprios processos de desenvolvimento (COLL et al, 2007). Para que assim possa adquirir o seu controle sobre os processos de memória.

Outro estudo importante foi o do Jean Piaget que determinou os estágios de desenvolvimento, com relação ao desenvolvimento do pensamento da criança, que perpassa quatro estágios: o sensório-motor (0 a 2 anos), em que a criança conhece o mundo mediado por sua percepção e movimentos de sucção, dos olhos, mãos, etc; o pré-operatório (2 a 7 anos), em que o desenvolvimento da linguagem torna-se prevalente; o operatório-concreto (7 a 12 anos), em que a criança é capaz de pensar sobre situações e problemas que vivencia, realizando operações mentais a partir de situações concretas (BARBOSA, 2019). Portanto, essa teoria demarca os estágios do desenvolvimento cognitiva sendo cada idade, fase, uma especificidade diferente. Delimitações que atrelada a criança com autismo contribui para identificar qual fases em cada tempo de desenvolvimento desta criança.

Estudos afirmam que cada criança autista tem uma forma particular de enxergar e se relacionar com o mundo a fora, se afastando de tudo. O que o faz reconstruir os detalhes específicos e em rotinas que lhe dão segurança, passando a ter uma relação singular com o mundo exterior. Deste modo, possuem uma difícil interação com pessoas e não manuseiam utensílios apropriadamente, levando a consequência do desenvolvimento de problemas na cognição, com reflexos na fala, bem como na leitura, escrita e em demais áreas. Para a criança portadora do espectro autista, as informações obtidas muitas vezes não são sinônimos de absorção de conhecimento; a atração que uma criança autistas têm por um objeto se dá pelo estímulo que o mesmo cativa neles (SOUZA, 2021).

Em resumo, o objetivo da análise psicológica de Vygotsky (1987, p. 46) e de seus fatores essenciais são os seguintes:

- 1) a análise do processo em oposição à análise do objeto; 2) a análise que revela relações causais, reais ou dinâmicas em oposição à enumeração dos traços externos de um processo, ou seja, a análise deve ser explicativa, não descritiva; 3) a análise evolutiva que retorna à fonte principal e reconstrói todos os pontos do desenvolvimento de uma determinada estrutura. Ainda assim, uma sugestão com essas características ficaria incompleta sem uma reconfiguração da compreensão de desenvolvimento. Em outras palavras, o requisito de uma reconstrução do processo de desenvolvimento dos acontecimentos psicológicos implica, por sua vez, uma noção típica da própria natureza do desenvolvimento.

Em primeira instância, o desenvolvimento não é determinado como um fomento quantitativo e cumulativo contínuo nas competências dos indivíduos, mas como um método no qual se dão saltos “progressistas”, capazes de renovar o próprio ecossistema do desenvolvimento. Em segundo lugar, essas recomposições mantêm relação com o aparecimento de modernas formas de intermédio dos métodos psicológicos ao longo do desenvolvimento (por exemplo, no desenvolvimento do sujeito surgiram novas ferramentas de mediação, como a escrita e novos métodos de resolução de problemas; se nos referimos a evolução da espécie, o surgimento dos símbolos psicológicos na história provocaria um desenvolvimento não exclusivamente governado pela concepção evolutiva dos darwinianos). Por último, o terceiro dos pontos de vista relativos à ideia de desenvolvimento em Vygotsky faz alusão à carência de uma única classe de desenvolvimento valioso para a elucidação da atividade intelectual humana, mas há desiguais tipos de desenvolvimento ou domínios genéticos (COLL et al, 2007).

Na maior parte dos eventos, o ser autista mostra uma caligrafia indecifrável, não conseguem segurar o lápis, expondo, portanto, obstáculos para começar a ler e a escrever. Na condição da leitura, a criança não consegue se manter concentrada em algo por muito tempo, de adquirir e memorizar sequências, como frases extensas, números ou instruções com etapas. Tudo isso se torna um grande desafio para a compreensão do que é lido. (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2021)

No processo de decodificação de palavras, três componentes essenciais à leitura são necessários: a consciência fonológica, a consciência fonêmica e a fluência. O primeiro contempla as habilidades supras segmentares e silábicas, que permitem à criança identificar, reconstruir, segmentar e manipular, intencionalmente, as sílabas nas palavras, assim como reconhecer rimas e aliterações (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986).

O processo de aprendizagem da criança autista ou caminho pelo qual a criança percorre acontece em duas etapas: na etapa inicial, tem como necessidade um trabalho individualizado, utilizando a sala de artifícios pedagógicos como apoio para o desenvolvimento de habilidades específicas, dando ênfase a mudança de alguns comportamentos e aprendizado quanto às formas de linguagem e interação. Em seguida é significativo trabalhar a socialização com a prática em sala de aula regular, sendo fundamental para a interação e convívio social (SOUZA, 2021).

A internalização das habilidades de leitura tem de suceder preferencialmente em idade escolar. Como uma grande parcela das crianças com autismo podem apresentar dificuldades nesse andamento, junto a isso vem a necessidade de que o princípio de sua alfabetização aconteça precocemente, ou seja, entre 4 e 5 anos, antes do que decorre com as crianças típicas (sem autismo) com mesma idade. O procedimento de colocar a criança autista antecipadamente em exercícios de alfabetização se explica através da lógica pelo fato da mesma apresentar dificuldades nesse processo (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2021)

A obtenção de habilidades se aproxima na vida das crianças com autismo como uma possibilidade elevada de comunicação com sua família, com o outro e com o mundo ao seu redor. Isso devido suas especificidades globais de desenvolvimento, apresentarem dificuldades em aprender de forma tradicional, enfrentando desafios específicos, especialmente no período de alfabetização (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2021).

De acordo com pesquisas feitas sobre o tema, entre 5 e 10% das pessoas com TEA apresentam habilidades de decodificação expressivamente superiores às de compreensão leitora (GRIGORENKO et al., 2002). Essa condição, denominada hiperlexia, é marcada por padrões restritos e compulsivos de leitura que desqualificam a linguagem escrita como ferramenta de comunicação (CARDOSO; SILVA, 2010).

Habilidades de leitura devem ser ensinadas preferencialmente em idade escolar. Como muitas crianças com autismo podem apresentar dificuldades nesse processo, é recomendável que o início da alfabetização ocorra precocemente (entre 4 e 5 anos), antes das crianças típicas (sem autismo) de mesma idade. A estratégia de começar a alfabetizar antes se justifica na lógica de que se a criança com autismo apresentar dificuldades nesse processo, ela terá mais tempo para aprender (GOMES, 2015).

Leitura é uma habilidade complexa que envolve uma série de aspectos e etapas que devem ser ensinados um a um em pequenos passos. Conforme Gomes (2015, p. 30):

A rota começa com o ensino de comportamentos que são requisitos (1) para o início das atividades relacionadas à leitura. Em seguida há dois caminhos que o educador pode escolher: ensinar habilidades rudimentares de leitura (2) e na sequência ensinar sílabas simples (3) ou pular o ensino de habilidades rudimentares (4) e seguir direto para o ensino de sílabas simples (5). Posteriormente o educador pode

simultaneamente utilizar o programa informatizado (6), treinar a Leitura oral (7) e explorar a interpretação de textos (8).

Esses comportamentos implicam estratégias facilitadoras do trabalho com pessoas que tem o TEA, conseqüentemente na construção do conhecimento da leitura e de outras habilidades específicas. Com isso é importante que o ambiente escolar adote ferramentas de trabalho adaptadas de acordo com as necessidades do aluno e suas afinidades, para que através disso possa observar os avanços e retrocessos nas habilidades de leitura dessa pessoa.

Estudos apontam que, com estratégias apropriadas, os professores podem auxiliar alunos autistas a obter resultados eficazes, buscando meios que chamem a atenção do aluno através de enunciados fáceis e significativos para ele ou selecionando textos adequados à sua compreensão. O que se delineia sobre a premissa que no momento em que as pessoas com o TEA aprendem as habilidades que necessitam para traduzir as palavras escritas em fala, elas também absorvem que a escrita pode expressar ideias, pensamentos e sentimentos. Para além de um simples desenho rabiscado em um papel (MARTINS et al., 2020).

A relação que a pesquisa faz sobre os comportamentos e as emoções do autista, perpassa uma logística de desenvolvimento e descobertas. O fator primordial que se assola sobre os conceitos apresentados acima se debruça na “maré” de internalização e significação que este se apropria para entender o mundo e as coisas, sejam eles psicológicos ou não durante as fases da vida. Na aquisição de habilidades ou não. Todo o processo de adaptação deve ser retido através de metodologias adequadas as necessidades, bem como os processos de apropriação da leitura.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa está integrada a abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, que tem como objetivo coletar informações sobre os acontecimentos contemporâneos e os comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas (YIM, 2001). Nessa pesquisa foi utilizado um processo voltado a entrevistas que para Severino (2013) é considerado como técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos participantes pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado.

Para o desenvolvimento deste estudo ocorreram às primeiras buscas de outras pesquisas publicadas em periódicos indexados sobre o autismo, sua compreensão e entendimento do conceito. Assim também, na busca por informações pertinentes em livros com bases teóricas importantes. Para tanto, se embasa em Vygotsky (1978), o DSM-V e as leis que regem a educação do autista. Dados que foram fundamentais para o conhecimento dos parâmetros do ser humano em construção e em especial o ser autista, que é objeto desta pesquisa.

Em seguida, a busca foi pela escrita de relatórios semestrais sobre a rotina do aluno em situação de autismo, seus hábitos, suas relações, sua vivência com os processos de leitura na escola. Para se obter ainda mais detalhes, foi realizada a pesquisa de cunho descritivo, a partir da entrevista com um ente da família, no caso a mãe, a professora e a psicopedagoga da escola em questão. A mãe, uma funcionária pública que acredita, incentiva e acompanha os estudos do filho, observa o desenvolvimento e motiva-o a aprendizagem. A psicopedagoga realiza orientação do autista em melhores caminhos dentro da escola, e a professora, a pessoa que media todos os conhecimentos repassados em sala de aula para este aluno. O atendente terapêutico, estudante de Pedagogia e que realizava acompanhamento

direto nas atividades escolar. Todos estes fizeram parte desta pesquisa contribuindo com informações importantes e para preservar seus nomes, na tabela abaixo estará mais informações sobre os mesmos, bem como o pseudônimo de cada um.

Tabela 1 – Participantes

Função	Informações	Pseudônimo
Mãe	Funcionária pública.	Cogumelo
Professora	Formada em Letras Português	Vagalume
Psicopedagoga	Formação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia.	Girassol
Atendente terapêutico	Formação em andamento na licenciatura em Pedagogia e atuação na área de assistente terapeuta.	Arco

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

Como instrumentos de coleta de dados, foi utilizado o formulário com cinco perguntas e relatórios semestrais escritos pelo próprio pesquisador sobre o desenvolvimento do aluno com autismo. A entrevista foi realizada com a mãe do aluno pesquisado que participou dando seu relato sobre as respostas e que aconteceu no tempo de 15 minutos. As entrevistas foram realizadas on-line através do aplicativo WhatsApp, pela segurança perante novos casos de Covid-19. As entrevistas se deram em chamada de vídeo, sendo gravado o áudio com o consentimento das entrevistadas pelo aplicativo (Mobizem). Sendo assim, esse trabalho esperou analisar o desenvolvimento cognitivo no processo de leitura dentro da escola, mudanças de hábitos, rotina, novos comportamentos em situação de sala de aula no ensino fundamental de um estudante com autismo. Este estudo fora embasado nas considerações éticas a partir da Resolução nº501/2016 que resguarda todos os dados da pesquisa, sendo garantido no Art. 2º:

Para os fins desta Resolução, adotam-se os seguintes termos e definições: I - assentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa –

criança, adolescente ou indivíduos impedidos de forma temporária ou não de consentir, na medida de sua compreensão e respeitadas suas singularidades, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos (BRASIL, 2016).

Após a realização das entrevistas, fora executado a transcrição das respostas, deixando todas organizadas conforme a ordem de perguntas, como por exemplo, cada entrevistado para a pergunta definida. No geral, foi relacionado esses parâmetros ao desenvolvimento cognitivo do aluno com autismo em situação de leitura e escrita do aluno pesquisado através do modelo de análise de conteúdo de Bardin (1997) explicado pela autora, como sendo:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1997, p.42).

A Análise de Conteúdo é realizada a partir das etapas de pré-análise, organização do material e exploração do material. A pré-análise, segundo Bardin (1997), se trata de organizar os dados para se construir o corpo da pesquisa. A exploração do material, que fala que através do corpos se estabelece as unidades de registro e de contextos que devem ser tratados os resultados de maneira significativa, bem como na fase final que diz que deve se estabelecer as categorias para análise. Ou seja, aquilo que mais tem relação com o objetivo e as intenções da pesquisa.

Durante a realização deste estudo foram coletados alguns relatórios e entrevistas, que aconteceram através do contato direto do pesquisador com os pesquisados por intermédio de conversa e explicação sobre os objetivos da pesquisa. A gravação da entrevista ocorreu via WhatsApp e os termos foram preenchidos e enviados pelos mesmos. A entrevista fora norteadas por intermédio de cinco perguntas com o intuito o de apresentar o desenvolvimento do aluno com autismo e as características que descrevem o seu estado geral de desenvolvimento na perspectiva do olhar de pessoas da escola onde estuda e da família, que tem a convivência. As entrevistadas concordaram em participar, e assim puderam dar detalhes importantes do desenvolvimento deste autista e como se encontra, com relação a escrita, em casa e na escola.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste espaço serão apresentados os resultados do estudo, a partir da análise das entrevistas e dos relatórios referentes ao desenvolvimento cognitivo de aquisição da leitura de um estudante autista. Os resultados foram organizados em

três categorias: o TEA e a aquisição da leitura, o TEA e as práticas desenvolvidas de leitura e o TEA e o desenvolvimento cognitivo relacionado à leitura.

O estudo de caso se deu em torno da pesquisa de um adolescente autista de 14 anos de idade, mora com os pais e a irmã mais velha. Ingressou na escola aos 3 anos de idade, em situação de maternal 1 e nesse período ainda não possuía o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA). Durante a escolarização veio este processo de descoberta que aconteceu na escola, por intermédio de alguns professores e dos pais. Atualmente está cursando o 8º ano do ensino fundamental, em sala de aula regular, tendo dificuldades na oralização e na escrita.

4.1 O TEA e a aquisição da leitura

Os métodos de alfabetização deslocaram-se por várias especulações ao longo da história atual, com esquemas sintéticos e analíticos. Na ótica de trabalho com crianças que possuem o TEA requer na execução de atividades um cuidado com relação a essa aplicabilidade. Daí a relevância de saber o jeito como a criança desempenha a aprendizagem e se aproxima dos bens mais preparados da nossa cultura – no meio deles a cultura da leitura. A leitura se mostra como ferramenta necessária para a vivência em sociedade e cada indivíduo deve, ou pelo menos deveria ter contato com ela de forma concreta, desde a sua infância (COSTA; VALENTE; RÉGO, 2018).

Ao mencionar em específico a aquisição da leitura, e com apoio teórico em fundamentos neuropsicológicos, estudos comprovam que existe um caminho neurológico (sequência de processamentos) já intencionado para este exercício denominado de – processamento botton-up – em que a Decodificação ocorre das partes para o todo (BARBOSA, 2017, p. 34).

Um fato empiricamente definido e bem renomado é que o aprendizado deve ser combinado de alguma maneira com o nível de evolução da criança. Por exemplo, afirma-se que seria interessante que se começasse o ensino de leitura, escrita e aritmética em uma determinada faixa etária específica. Só há pouco tempo tem-se constatado para o fato de que não conseguimos limitar-nos meramente à demarcação de graus de desenvolvimento, se o objetivo que se quer é desvendar as conexões existentes ligadas entre o processo de desenvolvimento e o potencial de aprendizado (VYGOTSKY, 1987, p. 57). Com relação a alfabetização de jovens e

adultos com autismo, é significativo apreciar se a aquisição de leitura e escrita é fundamental, indispensável, e se tem utilidade na vida da pessoa a ser ensinada (GOMES, 2015, p. 24).

Como bem salientado acima, a assimilação da leitura é um processo contínuo e em constante construção que leva o sujeito a uma inclinação do nível de desenvolvimento na busca por habilidades específicas, e como apresenta em relato sobre a rotina do aluno autista em fase de compreensão das letras, uma profissional da área denominada Girassol relata seu contato com o aluno autista em situação de construção das palavras;

O aluno apresenta importante déficit cognitivo. O autista apresentou grande dificuldade na construção de sistemas fonéticos, ainda faz trocas fonêmicas, no entanto, consegue ler com fluência formações simples em palavras de uso comum. Poderia ter maior evolução se contasse com suporte da fonoaudiologia para trabalhar alguns aspectos que comprometem, não só a leitura, como todo processo de ensino aprendizagem, como por exemplo a ecolalia.

Através dessa observação e reflexão empírica, nota-se que a construção do conhecimento em um adolescente com autismo acontece em modalidade evolutiva lenta e cooperativa, escola, família e terapeutas todos trabalhando juntos, para que se tenha avanço ao longo do tempo e através desse suporte o aprendizado da leitura evolua e se torne significativa à linguagem. A linguagem é um conjunto de comunicação apoiado em algumas palavras e gramática. Uma vez aprendidas as palavras, o sujeito pode usá-las para caracterizar objetos e ações. Podendo ter efeitos sobre pessoas, lugares e coisas; como também com a finalidade de comunicar necessidades, sentimentos e ideias a fim de exercitar mais controle sobre sua vida (PAPALIA; MARTORELL, 2021).

Como bem explana Vygotsky (1991), no contexto em que uma criança tenha adquirido uma consciência necessária para realizar uma operação, ela passa a absorver algum princípio fundamental cujo universo de aplicação é outro que não unicamente a das operações do tipo daquela usada como base para assimilação do princípio. Ao invés de se ter nesse processo um sujeito que recebe vagarosamente uma linguagem nitidamente fabricada por outros, surge um indivíduo que reconstrói por si mesma a sua linguagem, tomando seletivamente a formação que lhe provê o contato com o meio (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986).

Nesse sentido, cabe a escola e aos terapeutas intervirem nesse processo de significação do mundo junto ao autista, através de estratégias que se adequem às

necessidades e ao contexto em que este sujeito se encontra. Orientar a família sobre a importância de hábitos de leitura, como é apresentado por Girassol em seu trabalho de alfabetização:

É orientada à família estimular a leitura não somente a escrita, mas de contextos e situações cotidianas, para favorecer a habilidade linguística. Elaborar e executar atividades a partir de listas, receitas, rotinas, no geral que favorecem o repertório vocabular oral e escrito.

Exercício benéfico para construção de vocabulário semântico, e para o desenvolvimento das letras em fase de fala, escrita e leitura. A definição de uma determinada palavra simboliza um amálgama, estreito o suficiente do pensamento e linguagem, que acaba ficando de um jeito árduo falar, representando um acontecimento da fala ou se parte de um fenômeno do pensamento. Uma determinada palavra que não possui seu sentido de ser é um som vazio; o significado, no entanto, é um método da “palavra”, seu item indispensável.

4.2 O TEA e as práticas desenvolvidas de leitura

A leitura representa uma capacidade profunda que rodeia uma série de ângulos e etapas que tem de ser aptos um a um em pequenos passos. A instrução desses caminhos deve ser progressiva e sistemática, começando das competências mais habituais até as mais incompreensíveis. Um fenômeno significativo sobre o ensino de leitura para sujeitos com autismo é que os modos têm de, ajustar tanto no ensino de leitura oral ou no ensino de leitura com compreensão (GOMES, 2015, p. 29).

Pode-se refletir que a criança, na associação com o seu ambiente, atua com suas verdadeiras oportunidades de desenvolvimento e também com as possibilidades de prosseguimento que esse ambiente vai ter em relação a ela. Um caso assim pode ser imaginado na criança que iniciou a fala, podendo emitir algumas noções de palavras isoladas (BARBOSA, 2019). Nesse momento, conseguir efetuar a leitura daquilo que chama atenção recai sobre a melhor das formas de intervenção para quem tem o TEA como companheiro constante é como relata cogumelo, com o contato que tem com o seu filho autista ela descreve que;

O momento mais observado da dedicação da leitura é no momento em que ele tá lendo os textos, fazendo aquela leitura que tá sendo trabalhado a interpretação de texto, para que ele leia acompanhando aquilo que "teja" sendo dito. E a acessibilidade que a leitura fez o participante ter, trazendo a ele aquilo que ele procura.

Assimilar aquilo que se lê necessita da capacidade de que se tem de ligar palavras impressas aos muitos fomentos do mundo como as figuras, pessoas, objetos, lugares ou situações. Essas conexões possuem um teor fortuito, ou seja, são associações que tem seus estímulos incluídos e não expõem qualquer semelhança física e a ligação entre eles atende a medidas convencionais, tais como comportamentos que levam a relação de palavras com símbolos e significados (GOMES, 2015).

No caso do aluno, caso da pesquisa em questão, o seu grau de autismo por ser um tanto elevado, dificulta o nível de desenvolvimento de certas faculdades mentais e isso acarreta um atraso na forma de verbalizar palavras, ou no momento da realização da leitura. Por último, estabelecer sentido e significado ao que se lê do mundo, o que o torna com uma leitura que é observada como:

A leitura é transversal em todas as disciplinas, desde textos em seus diversos gêneros e enunciados como também é orientado a banca/reforço realizar atividades de leitura e escrita diariamente com mediação individual. (Girassol)

A partir dessa percepção são notórias as habilidades que o indivíduo com autismo vai adquirindo através dos estímulos corretos e da mediação direcionada aos exercícios constante na busca pela aprendizagem do ato de ler as coisas e o mundo por um prisma de sentidos.

Como bem aponta Barbosa (2019) a partir da perspectiva “vygotskyana”, alguns dos meios que executam a mediação do indivíduo com a plena realidade são construídos com base em dois conceitos: os instrumentos e os signos. Os instrumentos fazem parte de uma designação para objetos ou ferramentas criadas pelo homem para conquistar a natureza, ou seja, o externo. Já os signos são todos como estratégias que objetivam ao controle e organização psicológica, permitindo controlar tanto o próprio comportamento, como das demais pessoas.

Essas ferramentas auxiliam tanto na formação do adolescente com autismo como facilita o processo de aprendizagem da leitura, através de signos que relacionados à realidade do aluno, fixam com mais facilidade as letras e ilustrações que são vistas pelo autista em sua rotina de atividades e convivência com os espaços.

4.3 O TEA e o desenvolvimento cognitivo relacionado à leitura

O desenvolvimento daquilo que é denominado por pensamento na criança é resultado de uma “dinâmica” disposição de conhecimentos constituídos em cada trecho da vida, estágios, por intermédio de suas participações sociais e afetivas com o seu composto familiar, amigos, escola e sociedade. Em cada uma destas camadas é necessário muita “paixão” para se está de bem com a vida e se adequar às “razões”, dificuldades e esquemas que podem sempre nos interpor e requer, no nosso dia a dia, para cada um destes estágios do nosso desenvolvimento (CALDEIRA, 2018).

A cognição parte envoltória da compreensão é o comando responsável pelo aprendizado. Através dela, organizamos informações que irão ser importante para o desenvolvimento de habilidades necessárias para a autonomia, como por exemplo: memória, percepção, atenção, linguagem, raciocínio e etc. A falta dessa característica costuma estar conectado a um atraso significativo no desenvolvimento e a grandes déficits cognitivos (BARBOSA, 2019). Para as pessoas com espectro autista, comunicar-se é uma parte de si que é processada como um problema, às vezes insolúvel. Nos casos em que se tem os níveis mais compromissados, não conseguem dominar o conhecimento sequer como manejar as pessoas para conseguir efeitos desejáveis no mundo que os cerca. Nos casos considerados intermediários, carecem da habilidade importante para realizar as atividades comunicativas e informativas que tem como objetivo essencial compartilhar a experiência interna e interagir com o social.

Dentro dessa perspectiva, o ser autista partindo de duas necessidades apresentará necessidades no momento em que se colocar em situações reais de desafios, que para se adquirir ou aprender algum saber vai lhe requer grandes esforços e adaptações. Nesse sentido a pesquisa demonstra que o sujeito a ser investigado apresenta características que denotam essas especificidades, mas com um grau de evolução gradativa devido ao estágio cognitivo reconhecer os estímulos que são dispostos a ele apenas em partes para se chegar ao todo.

De qualquer modo há de considerar que o papel da família, escola, e a cultura onde está inserido este sujeito, possuem efeitos importantes no processo de

amadurecimento cerebral e na aquisição dos elementos triviais de desenvolvimento pois é através dele que o mesmo estará habituado a vivenciar, relacionar e a interferir através do contanto direto e indireto.

A importância de ambientes enriquecidos é inegável no desenvolvimento cerebral da criança, pois, sem a presença desses estímulos, principalmente durante o período crítico na primeira infância, é possível que ocorra algum déficit ou atraso no Desenvolvimento da área cortical específica. Os estímulos ambientais auxiliam na Formação das sinapses, permitindo ao cérebro que reconheça a codificação de tais Estímulos.

Bem como define vagalume em passagem observada sobre o seu aluno com TEA em fase de desenvolvimento da leitura em sala de aula:

O aluno executa as operações de leitura e interpretação em atividades adaptadas com imagem, figuras, ferramentas de mediação que dispostas fazem parte dessa rotina de aprendizagem.

Nessa Perspectiva, o fundamento principal do trabalho de mediação dos conteúdos de acordo com vagalume requer revisão e cuidado para formação do adolescente com autismo que é um fator que recai sobre as bases de comando cerebral de cada caso em questão, o que contribui para formação concreta de noções básicas de leitura no sujeito com TEA. Bem como define vagalume em passagem observada sobre o seu aluno com TEA em fase de desenvolvimento da leitura em sala de aula;

O aluno executa as operações de leitura e interpretação em atividades adaptadas com imagem, figuras, ferramentas de mediação que dispostas fazem parte dessa rotina de aprendizagem.(VAGALUME)

Nessa Perspectiva, o fundamento principal do trabalho de mediação dos conteúdos de acordo com vagalume requer revisão e cuidado para formação do adolescente com autismo que é um fator que recai sobre as bases de comando cerebral de cada caso em questão, o que contribui para formação concreta de noções básicas de leitura no sujeito com TEA.

E como apresenta o relato de (Arco) a respeito do primeiro contato com este aluno as práticas determinadas pelo contato com as dificuldades de inserção pedagógica;

Nas primeiras semanas na escola, as observações que foram relatadas, dizem a respeito aos comportamentos padronizados e falas repetitivas, ações estés, que dificultavam a prática de ações educativas, pelo mesmo, e o seu desenvolvimento com outras disciplinas, fator que determinou a necessidade de um plano educacional especializado para execução.(ARCO)

Nesse momento o olhar pedagógica que se deve ter é o mais próximo possível da inclusão deste aluno nas práticas socioeducativas, seja através do plano ou de outras práticas que beneficiem o aluno neste processo de adaptação e aprendizagem. Jogos interativos, dinâmicas, atividades adaptadas ao contexto, leitura de pequenos textos e etc... São formas de incluir e despertar a afinidade e a fixação dos conteúdos dentro da perspectiva de leitura no âmbito geral.

Em relatório escrito pelo Arco, atendente terapeuta, tem-se ainda como contribuição no discorrer das anotações a percepção sobre como é a realidade de um adolescente autista no contexto de sala de aula, e a nível de interação com a escola no geral e fora desta. E mostra como essas contribuições apontam para a idéia de que o autismo não somente é um fator comprometedor de funções psicossocial e sim a falta de estímulos direcionados e da inclusão que facilita o bloqueio de certas camadas cognitivas de desenvolver em consonância com os fatores externos, como espaço, avaliações, outros adolescentes, e a realidade fora da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho compreende-se que análise do desenvolvimento da leitura e dos processos cognitivos do aluno com autismo, possibilitou uma abordagem direta no que se refere a conhecer o aluno e sobre qual o melhor caminho para se trabalhar os processos de leitura e escrita dentro das necessidades e habilidades cognitivas deste aluno com TEA. Com métodos de leitura adaptada, seguindo a ideia de atividades direcionadas ao amadurecimento cognitivo e o seu avanço pleno. Objetivou-se que o material de pesquisa ajudasse a profissionais, pais e interessados na área a identificar maneiras adequadas a partir do relato de experiência de como realizar um trabalho eficaz no que se refere ao desenvolvimento cognitivo da leitura e escrita deste aluno autista dentro da sala de aula.

É necessário que professores, pais e profissionais da área se atentem e optem por métodos direcionado a qualidade no trabalho de leitura e escrita dos autistas. Tendo em vista que o conteúdo tem que estar atrelado a parâmetros específicos como a realidade do aluno e o cuidado com a montagem de material, mantendo atenção sempre na letra, nas imagens e na escolha de conteúdos com o grau de absorção do aluno com TEA. Isso pelo fato das informações necessitarem de certa intencionalidade e objetividade, e cada vez mais uma observação para possíveis aprofundamentos. A contribuição e compreensão de toda instituição foram importantes para a riqueza desse trabalho de pesquisa. Contemplando resultados parciais e importantes.

Foi possível encontrar nessa pesquisa através da observação expressa no relatório e da escrita dos relatórios os desafios e possibilidades visualizados no aluno com TEA. Através da coleta das falas dos entrevistados espera absorver fatores que sejam em comum presente na rotina do autista e como isso afeta sua adaptação a realidade de uma leitura e uma escrita no espaço escolar. Empecilhos e contribuições que ajudem para o desenvolvimento de pessoas com necessidades específicas. A adaptação na busca pelo desenvolvimento do aluno com TEA é um assunto que vêm sendo amplamente debatido nos últimos anos, trabalhos científicos tem sido desenvolvido em todo o mundo e no Brasil. Tendo a necessidade também de se debater e se aprofundar mais nesse assunto. Sobre as suas possibilidades e controvérsias. É pensando nisso que a pesquisa se atentara na perspectiva de que o aluno necessita de um plano educacional individualizado e que exige do professor, dos pais práticas inovadoras que se adequem a rotina e afinidade desse aluno.

Como lacuna, o estudo apresenta que por conta do tempo de sua realização ficou a desejar processos interventivos, podendo ser realizados em estudos futuros. Além da observação na relação professora-aluno que não conseguiu ser vivenciada. O estudante não conseguiu ser incluso na pesquisa, no aspecto de ouvi-lo, pela dificuldade de oralizar existente por conta do TEA.

O tema evidência a importância de desenvolver trabalhos que busquem refletir acerca da temática pela necessidade social de práticas inclusivas de leitura e escrita no desenvolvimento cognitivo. Bem como trazer relevantes contribuições e ideias inovadoras na área de pesquisa, para os interessados da comunidade acadêmica em se aprofundar no assunto. Por exemplo como auxiliar o trabalho com pessoas com autismo em sala de aula. E Quais caminhos percorrer para se obter resultados. Por outro lado espera que o aluno autista supere os bloqueios encontrados em sala de aula na leitura e escrita de materiais como fator primordial no processo de reeducação e avanço em ideia de proposta metodológica para a educação. Isso para que possivelmente se desenvolva aulas que atinja um certo grau de aprendizagem satisfatória. A partir do estudo realizado entende que novas inquietações irão surgir quanto ao tema apresentado. Abrindo portas para novos e amplos estudos.

6 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (1994). **DSM-IV: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais**. 4 ed. Lisboa: Climepsi Editores. American Psychiatric Association, 2003.

ASPERGER, Hans (1944). Os “psicopatas autistas” na idade infantil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 314-338, jun. 2015.

BARBOSA, Daiany Toffaloni; SOUZA, Nelly Narcizo de. O método fônico sob a perspectiva neuropsicológica. **Revista Unifebe**, Brusque, v. 1, n. 22, p. 21-36, 2017.

BARBOSA, Eveline Tonelloto. **Desenvolvimento humano**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições, 1997.

BENUTE, Gláucia Rosana Guerra. Transtorno do espectro autista (TEA): desafios da inclusão. **Setor de Publicações-Centro Universitário São Camilo**, São Paulo, v. 2, 2020.

BRAGA, Paola Gianotto. **Cartilha transtorno do espectro autista**. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2019.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, n. 98, p. 44-46, 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Estatuto da pessoa com deficiência. Secretaria de Editoração e Publicações Coordenação de Edições Técnicas: Brasília DF, 2015.

CALDEIRA, Danielle Grillo Alves. **Desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança autista: um estudo psicogenético.** Paraná: Neuromed, 2018.

CARDOSO, Martins Cláudia; SILVA, Juliana Ribeiro da. Correlatos cognitivos e de linguagem da hiperlexia: evidências de crianças com transtornos do espectro do autismo. **Leitura e Escrita**, v. 23, pág. 129-145, 2010.

COLL, César; MARCHESI.. [et al.] **Desenvolvimento psicológico e educação [recurso Eletrônico]: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Digitaliza Conteúdo: Pernambuco, 2020.

CHRISTIAN, H. Mathesius, Johannes (1504-1565). 1957. Disponível em: <<http://www.gameo.org/encyclopedia/contents/M381.html>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

CRITTENDEN, Patricia M. Formulando o autismo sistemicamente: Parte 1–Uma revisão da literatura publicada e avaliações de casos. **Psicologia clínica infantil e psiquiatria** , v. 22, n. 3, pág. 378-389, 2017.

COSTA, Sinara Almeida da; VALENTE, Rosianne de Sousa; RÊGO, Hanna Helen da Silva. **Leitura e escrita na perspectiva de professoras pré-escolares na amazônia paraense.** Práxis Educacional: Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 143-159, 2018.

EVÊNCIO, Kátia Maria de Moura; FERNANDES, George Pimentel. História do Autismo: Compreensões Iniciais. **Id on Line Ver.Mult. Psic.**, v.13, n.47, p. 133-138. 2019.

JÚNIOR, Edgard. OMS afirma que autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo. **ONU News**, 2017. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2017/04/1581881-oms-afirma-que-autismo-afeta-uma-em-cada-160-criancas-no-mundo>. Acesso em: 05 set. 2022.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. São Paulo: Artes Médicas, 1986.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O Rezinho Autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Versos, 2018.

GOMES, Camila Graciella Santos. **Ensino de leitura para pessoas com autismo**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME: Rio Grande do Sul, 2015.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Brasília: Editora Record, 2015.

GRIGORENKO, Elena L. et al. Um estudo descritivo da hiperlexia em uma amostra clinicamente encaminhada de crianças com atrasos no desenvolvimento. **Journal of Autism and Developmental Disorders** , v. 32, n. 1, pág. 3-12, 2002.

ISAÍAS, Jorge Miguel dos Reis. **Prevalência e Etiologia de Transtornos do Espectro do Autismo: o que mudou nos últimos cinco anos?**. 2019. 25 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Medicina, Ciências da Saúde, Universidade de Beira Interior, Covilhã, 2019.

KANNER, L. et al. **Distúrbios autísticos de contato afetivo**. Criança nervosa: Guarulhos SP, v. 2, n. 3, pág. 217-250, 1943.

KANNER, Léo. Problemas de nosologia e psicodinâmica do autismo infantil precoce. **American Journal of Orthopsychiatry** , v. 19, n. 3, pág. 416, 1949.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli; CHIARI, Brasília Maria; PERISSINOTO,

Jacy. **A influência de habilidades cognitivas na adaptação social de crianças com transtorno do espectro autista**: desenvolvimento da criança e do Adolescente. Evidências Científicas e Considerações Teóricas-Práticas. Guarujá-SP: Editora Científica Digital, p. 110-123, 2020.

MARTINS, Cláudia Solange Rossi et al. Aprendizagem de leitura e escrita por uma criança autista. In: **Congresso nacional de educação**, Maceió, Al: Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, 2020.

MECCA, Tatiana Pontrelli et al. Transtorno do Espectro Autista: avaliação de habilidades cognitivas utilizando o teste não-verbal SON-R 6-40. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, 2020.

NUNES, Débora Regina de Paula; WALTER, Elizabeth Cynthia. Processos de leitura em educandos com autismo: um estudo de revisão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 619-632, 2016.

OLIVEIRA, Jocirley de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Leitura e escrita em crianças com autismo: o trabalho psicopedagógico a partir do método fônico na clínica escola mundo autista. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 29, 2021.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação 1. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, p. 707-726, 2017.

OZONOFF, Sally et al. Risco de recorrência para transtornos do espectro autista: um estudo do Baby Siblings Research Consortium. **Pediatrics**, v. 128, n. 3, pág. E488-e495, 2011.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14. Ed. Brasil: Amgh, 2021.

QUEIROZ, Frida Chara et al. Comentário: uma breve história do autismo. **Revista**

de Psicologia , v. 8, n. 2, p. 125-133, 2018.

SANTANA, Alanny Nunes; SILVA, Jessica Barbosa. Desenvolvimento cognitivo da autoconsciência em indivíduos com autismo: contribuições para a compreensão do cotidiano educacional. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 4, p. 3242-3251, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]** . São Paulo: Cortez editora, 2017.

SOUSA, Aline Batista de; SALGADO, Tania Denise Miskinis. Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. **Revista Liberato**, v. 16, n. 26, p. 141-152, 2015.

SOUZA, José Clécio Silva de; SANTOS, Décio Oliveira dos. O autista com dificuldade de leitura e escrita – métodos de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 21, 8 de junho de 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/21/o-autista-com-dificuldade-de-leitura-e-escrita-metodos-de-aprendizagem>> Acesso em: 12 jun. 2022.

STEFFEN, Bruna Freitas et al. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista saúde multidisciplinar**, v. 6, n. 2, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Editora WMF. 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: interação entre aprendizagem e desenvolvimento**. 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2º ed. Porto Alegre: 2001.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**

CARTA DE ANUÊNCIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III
CURSO DE PEDAGOGIA**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa (Título da Pesquisa), sob a responsabilidade do/a pesquisador/a _____, orientado pela Profa. Ms. Clara Maria Miranda de Sousa, a qual pretende _____ (objetivo). Sua participação é voluntária e se _____ dará _____ por _____ meio de _____

(metodologia/instrumento de pesquisa de forma resumida e explicado de forma clara). Não há riscos de forma psíquica, social, religiosa ou cultural através de sua participação. Se o/a Sr. (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para _____ (citar os benefícios da pesquisa) _____. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Universidade do Estado da Bahia - Av. R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo, Juazeiro - BA, 48900-000, pelo telefone _____ (telefone pessoal), ou ainda pelo e-mail: _____ (email pessoal)

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do/da participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador responsável

Juazeiro - BA

Data: ____/____/____

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III
CURSO DE PEDAGOGIA



CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, _____ na condição de responsável pela _____, declaro para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “_____”, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____ e a orientação da Profa. Clara Maria Miranda de Sousa e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição, no período de ____/____/____ a ____/____/____.

Juazeiro - BA, ____ de ____ de ____.

Nome – cargo/função
(carimbo)

MODELO DE ENTREVISTA
COLETA DE DADOS REFERENTE A PESQUISA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO TCC

1-Como você observa o desenvolvimento do participante no processo de aprendizagem da leitura?

2-Existem hábitos realizados durante o dia-dia, que para a leitura do Emanuel que trazem no desenvolvimento a aprendizagem da leitura? Se sim quais são eles?

2 Quais habilidades de leitura são observadas?

3-Como você descreve atualmente o desenvolvimento das habilidades de leitura do Emanuel?

4-Quais matérias de leitura tem a disposição no ambiente escolar?

5- Que momentos são observados na dedicação ao desenvolvimento da habilidade da leitura?